

DE INDÚSTRIA À CIDADE: CONFIGURAÇÕES URBANAS DE RIO LARGO/AL, SÉCULOS XIX-XX.

R. L. Rodrigues, V. R. Cavalvanti e L. T. F. Hidaka

RESUMO

Este trabalho investiga os processos e configurações urbanas produzidas no município de Rio Largo/AL induzidos pela implantação de indústrias têxteis em seu território, no final do século XIX. A Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos (CAFT) teve papel relevante na elevação da antiga vila de Rio Largo à categoria de cidade, esta pesquisa apresenta o estudo das configurações urbanas decorrentes desse processo. Metodologicamente, recorreu-se a um levantamento bibliográfico, mapas e fotografias antigas que proporcionassem uma reflexão sobre os processos em curso nos períodos estudados (séculos XIX-XX). Outro recurso utilizado foi a comparação da espacialidade com o modelo implantado pela Companhia União Mercantil, na cidade de Maceió. Os procedimentos metodológicos geraram uma reflexão sobre a configuração espacial adotada pela antiga CAFT que foi a base da cidade contemporânea rio larguense.

1 INTRODUÇÃO

A implantação das indústrias têxteis em Alagoas está associada ao desenvolvimento do algodão no território do estado. O auge do algodão alagoano se deu durante a Guerra de Secessão nos EUA, ocorrida entre 1861-1865, a partir da diminuição da produtividade norte-americana e do decorrente aumento da quantidade de exportação do material alagoano para os demais países, principalmente a Inglaterra. Durante a Guerra Civil norte-americana o valor do produto foi aumentado consideravelmente seguindo os ideais de oferta e procura do sistema capitalista de produção (Sant’Ana, 1970).

É neste período de protagonismo do algodão na economia que são implantadas as primeiras fábricas têxteis no estado de Alagoas. De acordo com Lessa & Tenório (2013, p.42), o “sonho da industrialização” no estado foi concretizado pelo desenvolvimento algodoeiro. As condicionantes ambientais favoráveis aos investimentos dos empresários na “indústria preferida da revolução industrial” possibilitou a instalação das primeiras indústrias alagoanas. O algodão foi a matéria-prima que trouxe a possibilidade de um novo curso para a história econômica de Alagoas.

Totalizaram treze instalações industriais têxteis em solo alagoano, entre os séculos XIX e XX, com significativa participação no mercado nacional de exportação. Dentre elas foi eleita para o desenvolvimento desta pesquisa a Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos (CAFT), situada no município de Rio Largo. Essa Companhia fomentou à antiga vila de Rio Largo um relevante desenvolvimento urbano que promoveu a sua emancipação tornando-se cidade em 1915.

Este trabalho fez uma revisão bibliográfica de autores que se debruçaram sobre o tema do processo de industrialização brasileira a fim de identificar em que contexto se situava Alagoas. Em seguida, levantaram-se fontes bibliográficas que discutem a questão da indústria têxtil no estado. Nesta bibliografia consultaram-se informações relevantes para a análise dos processos urbanos ocorridos em Rio Largo proporcionados pela implantação da CAFT. Além dos textos, recorreu-se a mapas e fotografias antigas que pudessem auxiliar na descrição e análise da sua espacialidade.

Para melhor descrição dos processos ocorridos em Rio Largo utilizou-se como recurso metodológico uma análise comparativa entre o sítio da Companhia União Mercantil (de 1857), situada na cidade de Maceió, e o da CAFT. A comparação da espacialidade dessas fábricas foi significativa por duas razões: 1) descrever a lógica de implantação dessas indústrias em ambiente rural; 2) apresentar as semelhanças e diferenças entre a primeira fábrica têxtil alagoana e a segunda que inicia processo semelhante de construção do espaço fabril trinta e três anos após.

O instrumento metodológico adotado foi o estudo da morfologia urbana de Rio Largo. Este recurso gerou a identificação da configuração espacial do município no início do século XX e uma discussão sobre o papel da indústria na sua formação urbana. Foram considerados fatores de localização, distribuição dos equipamentos instalados pelas indústrias, parcelamento do solo e edificações. Assim, é possível reconhecer a partir das análises qual a cidade que a indústria têxtil, representada pela CAFT, produziu e promover a compreensão dessa espacialidade para estudos futuros sobre o município de Rio Largo, assim como para o planejamento urbano do lugar.

2 A IMPLANTAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL EM ALAGOAS

Denominado por Santos (1979) como um país subdesenvolvido industrializado, o Brasil foi uma das nações que conseguiu construir condições favoráveis para sua industrialização entre os séculos XIX e XX. O autor sustenta que o crescimento da urbanização brasileira é consequência da acentuada divisão do trabalho entre a cidade e o campo, entre o emprego agrícola e o industrial. Se por um lado as cidades eram ambientes atraentes para a implantação da indústria por outro, esta, quando localizada em lugares favoráveis, provocava e acelerava sua urbanização (Castells, 1972).

A implantação das indústrias têxteis no Brasil se deu por volta de 1850. Em 1885 o território nacional já contava com uma média de 42 fábricas de tecidos. No Nordeste, a Bahia constituiu o primeiro centro industrial têxtil do país sendo hegemônico até aproximadamente 1860. Com a expansão da rede ferroviária no Sudeste muitas fábricas passaram a se concentrar na região deslocando essa centralidade (Lima & Sanson, 2008).

Em Alagoas a atividade industrial têxtil iniciou precisamente em 1857 com a instalação da Companhia União Mercantil, no distrito de Fernão Velho, em Maceió (Marroquim, 1922). Durante anos a União Mercantil não teve concorrente alagoano, disputava o mercado nacional com fábricas de tecidos da Bahia. Até que, em 1890, os teares da Fábrica Cachoeira começam a se movimentar no então município de Santa Luzia do Norte. Logo em seguida, em 1893, origina na Fábrica Progresso (Sant'Ana, 1970). Ao observar como se deu a distribuição das indústrias têxteis alagoanas no tempo (Tabela 1) percebe-se que não houve inicialmente uma “arrancada” industrial, a segunda fábrica apareceria três

décadas após a primeira. É na última década do século XIX que há uma quantidade expressiva de implantação industrial, coincidindo em número de núcleos implantados com o período da Primeira Guerra Mundial.

Tabela 1 Distribuição das fábricas têxteis alagoanas no tempo

Fábricas têxteis	Década	Total por década
Cia União Mercantil (1)	1850 ----- 1859	01
F. Cachoeira (2); F. Progresso (3); F. Pilarense (4); F. Penedense (5).	1890 ----- 1899	04
F. Pilarense II.	1900 ----- 1909	01
F. Alexandria; F. S. Miguel dos Campos; F. S. Margarida; F. da Pedra.	1910 ----- 1919	04
F. Vera Cruz; F. Norte das Alagoas.	1920 ----- 1929	02
F. Marituba.	1940 ----- 1949	01
TOTAL		13

Na distribuição espacial dessas indústrias (Figura 01) fica evidente a influência de dois elementos que eram atrativos locacionais para a implantação das fábricas têxteis alagoanas: os cursos d'água e a linha férrea. Contudo, apenas quatro das treze indústrias se beneficiaram da ferrovia e tiveram os dois elementos sobrepostos. Entre elas, a Cia União Mercantil e a CAFT, formada pela Fábrica Cachoeira e pela Fábrica Progresso. No caso da primeira, sua implantação é anterior a da linha férrea, enquanto a segunda tomou partido da infraestrutura ferroviária para sua instalação.

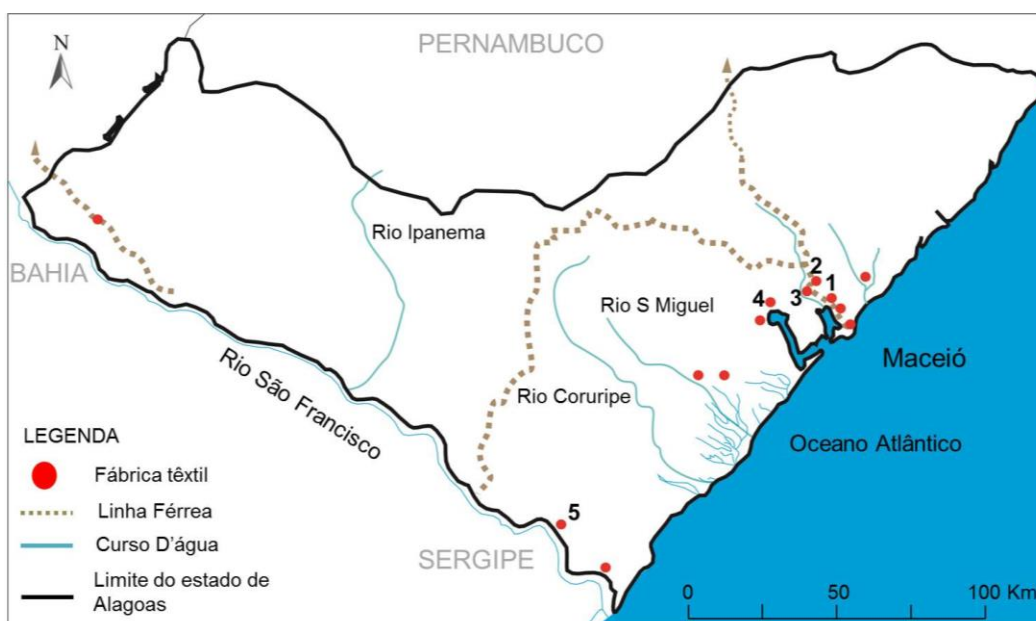


Fig. 1: Distribuição das fábricas têxteis alagoanas no espaço. Destaque para as implantadas no século XIX (numeração indicada na Tabela 1). Fonte: Adaptado de Fernandes Lima, 1963.

A importância da água para a indústria têxtil estava na geração de energia necessária para a movimentação dos teares. Quando o curso d'água não oferecia as condições favoráveis para gerar energia as fábricas se instalavam perto de matas densas, fazendo uso de caldeiras. Outra função da água era a de transporte, pois se a fábrica não possuísse proximidade com a linha férrea, como era o caso da maioria, o transporte fluvial era

utilizado para o abastecimento de matéria-prima (algodão) e para o escoamento da produção destinada aos portos de exportação (Lessa & Tenório, 2013).

Ao estudar a relação dos meios de transportes na urbanização de Alagoas Corrêa (1992) destaca que os transportes fluviais ou marítimos, ferroviários e rodoviários auxiliaram na organização do espaço urbano alagoano ao impulsionar a vitalidade das funções urbanas por onde passavam ou a sua obsolescência. Será às margens desses meios de transporte, principalmente aquáticos, que a morfologia urbana empregada por parte das indústrias se concretizará. A implantação da União Mercantil antecede a do transporte ferroviário, nasce tendo como único meio de transporte o fluvial (pela Lagoa Mundaú), enquanto a CAFT se instala sobre a ferrovia já consolidada, pois no trecho de sua locação o Rio Mundaú não é navegável sua função estava relacionada à geração de energia pelas quedas d'água.

Quando implantadas em antigas áreas rurais as indústrias têxteis eram responsáveis por atribuí-lhes feições de urbanidade próprias, com princípios ideológicos do industrial espacializados (disciplina e produtividade operária). Correia (2001) alerta para a pouca relevância dada às aglomerações urbanas criadas pelas indústrias nos estudos sobre a urbanização brasileira. Alagoas no período áureo da indústria têxtil (final do século XIX até meados do século XX) foi palco de construções urbanas pelo setor privado que ainda hoje podem ser reconhecidas na paisagem das cidades onde se consolidaram. A maioria das indústrias construía além de habitações, equipamentos urbanos voltados ao lazer, saúde e educação.

Muitas foram as formas urbanas adotadas pelas indústrias têxteis. Segundo as definições apresentadas por Correia (2001, p.95) encontraram-se em Alagoas: vilas operárias, núcleos fabris, cidades operárias e bairros operários. Cada uma com características de forma, dimensão e gestão específicas. As vilas operárias constituem um conjunto de casas, muitas vezes dotadas de equipamentos coletivos, “localizados dentro de cidades ou em subúrbios”. Os núcleos fabris são os aglomerados isolados, de intenso controle pelo industrial; as cidades operárias também são aglomerados isolados criados por empresas, mas que alcançaram um contingente populacional considerável e que se envolve com as funções urbanas do lugar; os bairros operários são os assentamentos que se confundem com a “cidade-aberta”.

Entende-se por “cidade-aberta” um lugar onde o indivíduo possua autonomia no ambiente urbano e não esteja submetido às normas de uma empresa local. Pelo uso constante da palavra “cidade” associada a lugares de domínio privado, como cidades-empresa ou cidades-operárias, Correia (2001, p.95) sente a necessidade de se apropriar da expressão “cidade-aberta” para caracterizar os espaços que garantem uma “verdadeira vida urbana” aos seus habitantes.

3 DIFERENÇAS E SIMILARIDADES DAS CONFIGURAÇÕES URBANAS ENTRE A CIA UNIÃO MERCANTIL E A CAFT

Nesta seção é apresentada a análise comparativa da morfologia urbana implantada pela Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos (CAFT) em Rio Largo, e pela Cia União Mercantil em Maceió. A eleição deste último exemplar para esta análise foi devido às condições semelhantes de território: ambas as instalações estão às margens do principal eixo ferroviário que interliga o interior do estado de Alagoas ao Porto de Jaraguá; possuem aproximação com recursos hídricos, a Lagoa Mundaú (Cia União Mercantil) e o Rio

Mundaú (CAFT). Outro critério de escolha foi a proximidade temporal entre elas, foram as primeiras indústrias têxteis implantadas em solo alagoano, portanto, apresentam-se inseridas em semelhante contexto histórico e social.

Para demonstrar as diferenças e similaridades das configurações urbanas dessas indústrias utilizou-se como instrumento o estudo da morfologia urbana para expor como processos de implantação industrial semelhantes podem ter alcançado resultados distintos, ao levar em consideração a consolidação da forma urbana que cada um produziu. Admitiu-se o conceito utilizado por Lamas (2011) em que a morfologia urbana é uma disciplina que estuda o ambiente físico da cidade e do território, bem como as relações existentes entre a forma (interior) e a estrutura (exterior) do meio urbano. Este autor compartilha da ideia de Hiller (1985) sobre o objeto de interesse da morfologia urbana que consiste no conteúdo físico-espacial das cidades, não se ocupando das questões políticas e socioeconômicas ocorridas ou em ocorrência, ainda que esses elementos sejam cruciais para o estudo do processo de urbanização local.

Embora Lama (2011) e Hiller (1985) apresentem os mesmos limites do campo de estudo da morfologia urbana (o ambiente físico), Lévy (1985) demonstra a disciplina sob uma abordagem semiótica. Sem ignorar as questões levantadas pelos primeiros autores, para o presente trabalho a contribuição de Lévy (1985) é relevante por considerar os aspectos ideológicos implícitos ou explícitos na constituição da forma urbana de um núcleo industrial ou de uma cidade operária.

3.1 A forma urbana da Cia União Mercantil

A Cia União Mercantil foi fundada em 1857 e iniciou suas atividades em 1864. Localizada no atual bairro de Fernão Velho, em Maceió, no período de sua implantação consistiu-se como povoação. Implantada às margens da Lagoa Mundaú e conectada ao restante do território principalmente por meio da linha férrea, a Cia União Mercantil caracterizava-se por seu isolamento espacial, qualidade esta que a maioria das indústrias do século XIX almejava. Essas empresas visavam sua implantação distante dos grandes centros urbanos, pois objetivavam o maior controle sobre a vida do operário bem como evitava o contato deles com as ideias progressistas que poderiam contribuir para uma organização da classe (Melo, 2012).

Além das questões geográficas (hidrologia, cobertura vegetal e transporte ferroviário e lagunar) existe uma questão ideológica que direciona a adesão de determinado território para a implantação fabril e que será reproduzida em menor escala na forma urbana adotada. Com essas características, a Cia União Mercantil pode ser denominada como um núcleo fabril, conforme as definições esplanadas por Correia (2001) apresentadas anteriormente.

Esse isolamento era proporcionado por barreiras físicas como o relevo, a Mata Atlântica (que também funcionava como fonte de energia) e a própria Lagoa Mundaú. A consolidação da forma urbana do núcleo foi condicionada pelo relevo que o envolve e pela lagoa, o primeiro eixo de comunicação do núcleo com o Porto de Jaraguá e consequentemente com o mundo antes da inauguração da linha férrea. O relevo é elemento marcante na paisagem urbana do local, além de proporcionar o isolamento do núcleo por possuir declividades abruptas ele assume o papel de direcionador do parcelamento do solo e de distribuição das funções urbanas. Especula-se a existência de um antigo riacho que,

apesar de não haver mapas que confirme qual seria o seu trajeto, a configuração do relevo, localização dos açudes e do edifício fabril apresentam indícios de seu traçado (Figura 02).

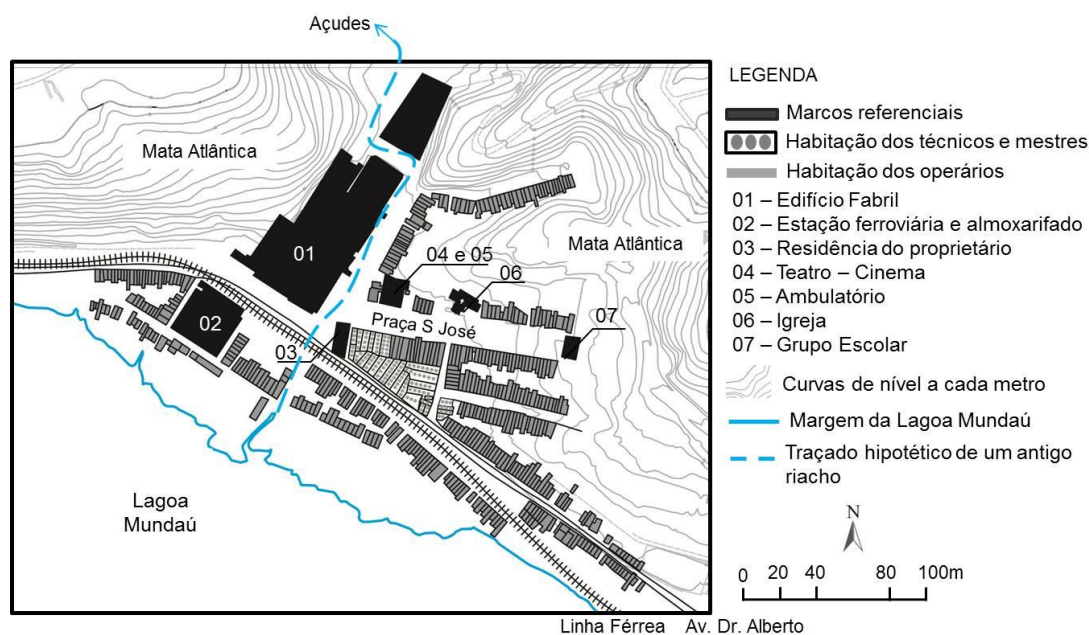


Fig. 02: Esquemática do núcleo fabril da Cia União Mercantil, no final do século XIX e início do século XX. Fonte: Adaptado de Sarmento, 2002.

Segundo Melo (2012), esse afastamento estratégico tornava o operário dependente de todas as atividades realizadas pela indústria. O industrial assumia o papel do Estado ao fornecer a educação, lazer, saúde, moradia e até mesmo um direcionamento religioso aos habitantes do núcleo. Festas cívicas e religiosas, bandas de música, times de futebol etc. eram organizadas pela fábrica, o que legitima a dominação patronal na vida do operário para além do cotidiano no trabalho.

O núcleo fabril ofertava essas funções urbanas ao distribuir equipamentos em seu território, implantando a ideologia fabril na educação dos filhos dos operários, na propagação da cultura através do teatro-cinema, no “cuidado” com a saúde e produtividade dos funcionários através dos ambulatórios, etc. A distribuição urbana dos equipamentos se deu de maneira pontuada, sem um zoneamento claro encontrava-se tendo como cenário o relevo e a lagoa.

O parcelamento do solo não apresentava grandes variações apesar de existir uma hierarquia arquitetônica nas moradias que determinava a posição do operário nas atividades fabris. Essa hierarquia era notada pela dimensão do lote, pelo estilo arquitetônico adotado e localização privilegiada. Os maiores lotes se localizavam nas proximidades da fábrica e dos equipamentos urbanos, no ambiente mais salubre do núcleo, distante da mata e da lagoa a qual no século XIX era vista como disseminadora de doenças juntamente com outras áreas úmidas e alagadiças. Os menores lotes destinados aos operários situavam-se nas adjacências do edifício fabril, às margens da linha férrea, da Av. Dr. Alberto, da Lagoa Mundaú e da Mata Atlântica. A variação tipológica das habitações construíam conjuntos homogêneos que atribuíam uma uniformidade à paisagem urbana do bairro. Eram residências que possuíam referências neocoloniais (geralmente as dos operários), ecléticas e de outros estilos em voga (as dos mestres e técnicos) (Figuras 03 e 04).



Fig. 03 e 04: Uniformidade tipológica no conjunto de moradias da vila operária e nas residências de mestres e técnicos da Cia União Mercantil. Fontes: Documentário “Memória da vida e do trabalho”, 1984; googleearth.com.

Esse isolamento devido barreiras geográficas fez com que o núcleo da Cia União Mercantil fosse um aglomerado urbano fechado em si mesmo, não possibilitando uma expansão e, tampouco, uma aproximação com a urbanidade maceioense. A configuração urbana do século XIX e início do século XX persiste tendo apenas ampliado o parcelamento do solo com o desenvolvimento da indústria. Ainda hoje o bairro de Fernão Velho possui uma paisagem particular, diversa do contexto urbano da capital alagoana. De acordo com Lessa (2013, p.124), a União Mercantil dominou “seu território como se este fosse um município à parte”.

3.2 A forma urbana da CAFT

Trinta e três anos após a implantação da Cia União Mercantil, a Fábrica Cachoeira inicia sua produção e três anos depois a Fábrica Progresso também começa a movimentar os teares, ambas situadas na Vila de Rio Largo, no município de Santa Luzia do Norte (Sant’Ana, 1970). A união dessas duas empresas formará a Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos (CAFT) (Lessa, 2013).

As condições ambientais e estruturantes do sítio onde foram implantadas as indústrias eram favoráveis, estavam apoiadas sobre duas fontes de energia: o Rio Mundaú, que oferecia uma queda d’água adequada à criação de uma pequena hidrelétrica, e a abundante Mata Atlântica na região. A partir das novas dinâmicas urbanas proporcionadas pelas fábricas e também pela instalação da Usina Utinga Leão, em 1894, a Vila de Rio Largo passou a ser um pólo econômico, político e social, possibilitando a sua emancipação já em 1915 (Paiva Filho, 2013).

A CAFT representou para Alagoas a “forma mais desenvolvida” de uma fábrica têxtil com vila operária (Lessa, 2013, p.123). Nos primeiros anos de atuação, por se apresentar distante de outros centros urbanos, o sítio tinha características de um núcleo fabril. No entanto, com o desenvolvimento da fábrica o aglomerado urbano de Rio Largo passou a se assemelhar ao de uma cidade operária. Lessa (2013) apresenta discordância sobre esse aspecto, pois, segundo ele, sob o ponto de vista da gestão havia um domínio de território dividido entre as indústrias têxteis e a Usina Utinga Leão. Contudo, para o presente estudo será considerada a condição urbana introduzida pela CAFT no antigo ambiente rural do qual Rio Largo fazia parte. Isso pode ser afirmado ao observar que a área de ocupação

urbana de Rio Largo encontra-se no mesmo ambiente da CAFT, distante da usina a qual apresentava um aspecto de dominação fechada, isolada, semelhante ao formato da Cia União Mercantil (Figura 05).

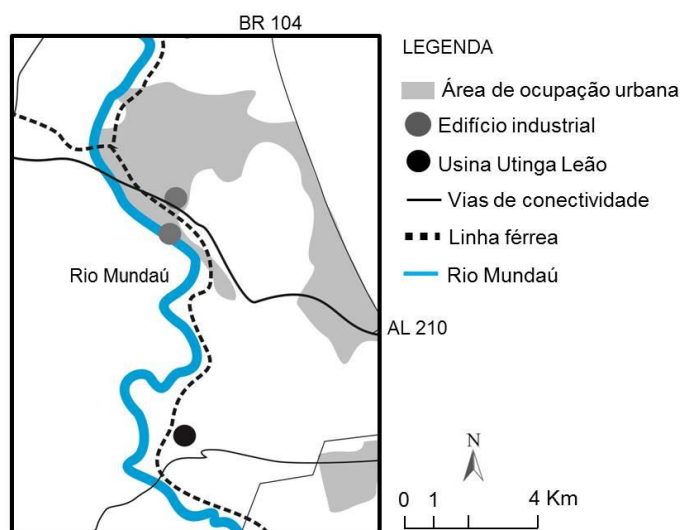


Fig. 05: Mapa com indicação da área de ocupação urbana de Rio Largo em 2016.
Fonte: Adaptado de IBGE, 2013.

Rio Largo possui um distanciamento de 28 km do centro da capital de Alagoas, Maceió, e isso fomentou o desenvolvimento de atividades urbanas para suprir as necessidades da população e dos operários. As únicas barreiras físicas para o crescimento urbano de Rio Largo eram o Rio Mundaú e a área propícia a inundações. Embora o sítio em que as indústrias tenham sido implantadas esteja dentro da unidade de relevo dos Tabuleiros Costeiros, apresenta encostas suaves de possível ocupação (CPRM, 2005).

A cidade era dividida em duas partes determinadas por seu relevo (Figura 06): a parte baixa onde se instalou a primeira fábrica, Cachoeira, e a parte alta onde se encontrava a maior parte dos equipamentos urbanos e das vilas operárias, além da segunda fábrica, Progresso. Diferente da Cia União Mercantil, o relevo do sítio da CAFT possuía encostas suaves que não limitavam a ampliação das vilas operárias e, após, a construção de conjuntos habitacionais e novos loteamentos. A área plana da cidade (parte baixa) possuía como barreira à ocupação as constantes inundações, o que condicionou a expansão urbana de Rio Largo para a parte alta e gerou uma apropriação do território diversa da Cia União Mercantil.



Fig. 06: Vista geral do antigo sítio da CAFT (parte baixa e parte alta). Fonte: Arquivo Público de Alagoas, s/d.

A cidade se desenvolve a partir da indústria, das vilas operárias e dos equipamentos urbanos que, assim como a Cia União Mercantil, irão proporcionar certa autonomia ao lugar. Há uma linearidade na instalação dos primeiros equipamentos da CAFT no território (Figura 07), os marcos referenciais apresentavam-se em sequência entre o Rio Mundaú e a linha férrea. Esses equipamentos foram pólos de atração para a consolidação do comércio e a aparição de feiras livres, o que intensificava a vida urbana no local (Paiva Filho, 2013).

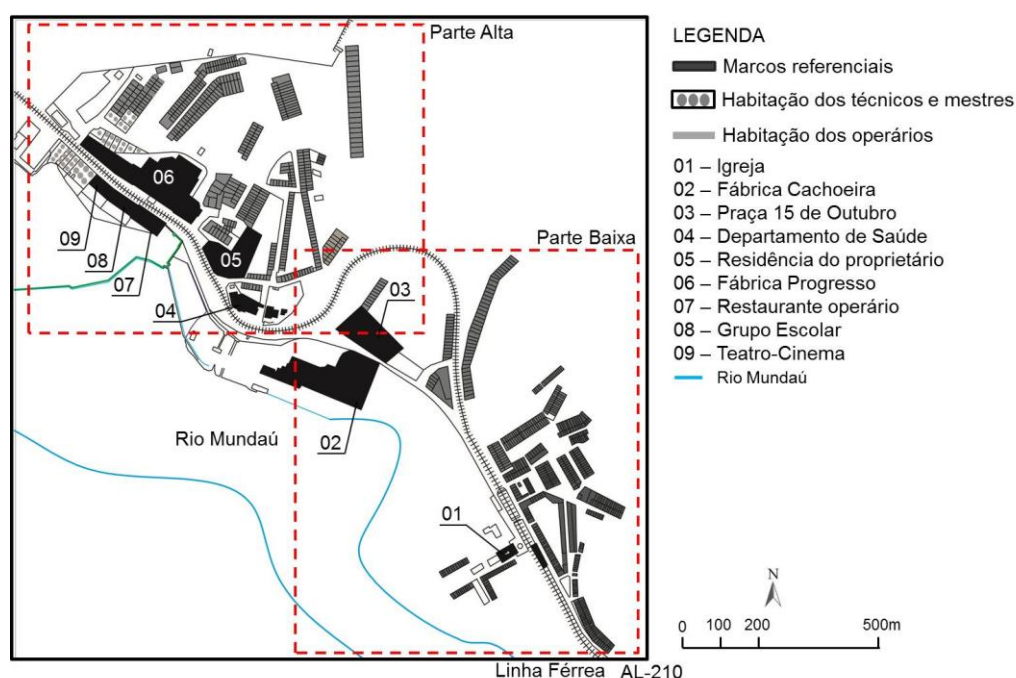


Fig. 07: Esquematisação da cidade operária de Rio Largo, no final do século XIX e início do século XX. Fonte: Adaptado de Paiva Filho, 2013.

Entre o Rio Mundaú e a linha férrea existiu uma via principal que seria posteriormente a rodovia AL-210, incorporada à cidade e transformada na principal ligação com a cidade de Maceió. Esta via além de ser palco dos festivais, desfiles e outros eventos proporcionados pela CAFT era um elemento estruturante da cidade, assim como a ferrovia, eixo de comunicação de nível territorial. As vias secundárias eram destinadas ao acesso às vilas

operárias. Uma vez que os primeiros equipamentos urbanos implantados margeavam a via principal, entre eles a residência do proprietário, percebe-se a possibilidade de um controle de circulação e acesso às vilas operárias. Essa entrada e saída única da cidade sempre à vista do patrão e dos próprios operários possibilitava o domínio parcial do território.

Ao observar a parte alta da cidade, aparentemente as quadras que constituíam as moradias dos operários aparecem dispersas, inseridas no meio urbano condicionadas pelo relevo e caminhos. Conforme se observa, entre um grupo de habitações e outro há encostas abruptas que formavam as “áreas verdes” das vilas operárias. Esses “vazios” também estão presentes no meio de algumas quadras. O traçado na parte baixa mostra-se mais regular que na parte alta devido a existência de poucas encostas acentuadas, constituindo vias mais ortogonais. Isso demonstra que as características geomorfológicas do sítio permitiram a produção de uma forma urbana heterogênea, com pouca variação frente ao dimensionamento de lotes, mas com distintas formas de implantação de quadras adequadas às condições do relevo.

Semelhante a Cia União Mercantil, a CAFT possuía quadras com conjuntos tipológicos de edificações homogêneas. Na medida em que a fábrica crescia economicamente o sítio refletia seus lucros com a construção de novas habitações para os operários, devido à necessidade de mão de obra e de novos equipamentos urbanos (Paiva Filho, 2013). Havia na CAFT uma hierarquização tipológica e estilística das moradias de acordo com o posicionamento do inquilino no trabalho industrial (Figuras 08 e 09).



Fig. 08 e 09: Diversidade tipológica nos conjuntos de moradias da vila operária da CAFT. Fontes: Paiva Filho, 2013; Documentário “Rio Largo, nossa história”, s/d.

A configuração de Rio Largo erguida pela indústria têxtil no final do século XIX e início do século XX, deu ao local uma possibilidade de expansão urbana com a concentração dos principais equipamentos às margens do que seria a maior barreira geográfica do sítio, o Rio Mundaú. A cidade cresceu para além dele, sendo este o plano de fundo do centro urbano que foi desenvolvido. A forma urbana adotada não se apresentava de modo territorialmente isolada, como muito bem representou a Cia União Mercantil circundada por encostas abruptas que impossibilitava a ocupação. Por essa razão não é possível denominar a configuração final construída pela CAFT como um núcleo fabril. Outro fator relevante é a adequação ao relevo pela instalação dos primeiros assentamentos construídos pelas fábricas da CAFT, o que atribuiu à paisagem um caráter urbano próprio frente às aglomerações das indústrias têxteis no estado de Alagoas, como o caso da Cia União Mercantil.

A cidade de Rio Largo nasce do crescimento econômico gerado pelo setor têxtil e pelo açucareiro, este último representado pela Usina Utinga Leão, no entanto a forma urbana se consolidará em torno das indústrias têxteis. Com o desenvolvimento urbano, a construção de novas vilas operárias e a aparição de novas aglomerações, Rio Largo passará, entre o fim do século XIX e início do século XX, de núcleo fabril para a condição de uma “cidade-aberta”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pode ser visto, as indústrias têxteis se inseriram no território com construções ideológicas similares, porém expressas espacialmente de maneira diversa, constituindo variáveis tipológicas de configuração urbana no estado de Alagoas. Essas variáveis estariam principalmente nas diferentes formas de se apropriar do sítio e de lidar com as barreiras geográficas que permitiam ou não a sua expansão urbana.

A Cia União Mercantil se insere no território com barreiras físicas definidas pela Lagoa Mundaú e pelo relevo, este último direciona os caminhos e o parcelamento do solo restringindo a ocupação. Com a inserção da estrada de ferro, posterior à implantação da fábrica, há uma maior conectividade do núcleo com o Porto de Maceió e o interior do estado, a lagoa passa a ter sua função transportadora restrita às pequenas embarcações. Com a pouca interação com o restante da cidade devido seu isolamento, a Cia União Mercantil constituiu no bairro de Fernão Velho uma paisagem estagnada no tempo que ainda apresenta o desenho do núcleo fabril que o originou.

Em Rio Largo, a CAFT se instalou com a estrutura ferroviária já consolidada, por essa razão não possuía a necessidade de transporte fluvial pelo Rio Mundaú, ao contrário da Cia União Mercantil. Implantada numa área encachoeirada do rio, a função principal dele era a geração de energia para a produção fabril, por isso a necessidade de implantar a primeira fábrica às suas margens. O relevo do lugar não foi um bloqueio para sua expansão urbana, mas condicionou os caminhos e as ocupações. As únicas barreiras à ocupação eram as enchetas (na parte baixa da cidade) e as encostas abruptas, as “áreas verdes” do sítio. Diferente da Cia União Mercantil, a CAFT se implantou num sítio propício à aparição de novas aglomerações que não tinham correspondência com a atividade industrial, fomentando uma expansão urbana fluida em que os remanescentes do passado fabril foram apropriados ao desenho da cidade contemporânea.

O aprofundamento do estudo das configurações urbanas adotadas pelas indústrias têxteis em Alagoas é relevante para ampliar as discussões sobre como se consolidou a vida urbana em muitos dos municípios do estado, e entender as ideologias impostas em seus processos de urbanização. A demonstração da evolução desses processos também é significativa para o desenho das formas urbanas que originaram cidades e que ainda hoje os traços do passado persistem em sua paisagem. Esse estudo auxilia na indicação de tendências que possam direcionar o planejamento urbano considerando as dinâmicas do passado, presente e futuro de cidades como a de Rio Largo, que passou por várias etapas de desenvolvimento para se constituir numa “cidade-aberta”.

5 REFERÊNCIAS

Castells, M. (1972) **A questão urbana**, trad. Arlene Caetano, Paz e Terra, Rio de Janeiro.

Corrêa, R. L (1992) A vida urbana em Alagoas: a importância dos meios de transportes na sua evolução, **Terra Livre – AGB**, São Paulo, (10), 93-116.

Correia, T. de B. (2001) De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, (4), 83-98.

CPRM (2005) **Projeto de cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea: diagnóstico do município de Rio Largo**, estado de Alagoas, CPRM/PRODEEM, Recife.

Hillier, B. (1985) La méthode de la syntaxe spatiale, *in* Merlin, P. **Morphologie urbaine et parcellaire**, Espaces, Paris.

Lamas, J. M. R. G (2011) **Morfologia urbana e desenho da cidade**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Lessa, G. L. e Tenório, D. A (2013) **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. SEBRAE, Maceió.

Lessa, G. L. (2013) Trama da memória, urdidura do tempo: ethos e lugar dos operários têxteis alagoanos, *in* Lessa, G. L.; Tenório, D. A. **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. SEBRAE, Maceió.

Lévy, A. (1985) Forme urbaine, tissu urbain et espace public. In: Merlin, P. (1985). **Morphologie urbaine et parcellaire**. Espaces, Paris.

Lima, J. D.; Sanson, J. R. (2008) O surto de industrialização do setor têxtil a partir de 1880: Blumenau e Brasil, **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**, 3 (5).

Marroquim, A. (1922) **Terra das Alagoas**. Grupo João Lyra, Maceió.

Melo, A. de S. (2012) **Operários têxteis em Alagoas: organização sindical, repressão e vida na fábrica (1951-1964)**, Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife.

Paiva Filho, A. (2013) **Rio Largo: cidade operária**, SENAI/AL, Maceió.

Sant’Ana, M. M. de (1970) **Contribuição à história do açúcar em Alagoas**, Instituto do Açúcar e do Alcool; Museu do Açúcar, Recife.

Santos, Milton (1979) **Espaço e sociedade: ensaios**, Vozes, Petrópolis.